

## Sessão de Abertura – Saudações

Excelentíssimos representantes das entidades e organismos aqui presentes. É uma oportunidade extremamente honrosa e gratificante dar início ao V Encontro Ibérico de História da Educação, organizado pela SPCE – Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação/Secção de História da Educação e pela SEDHE – Sociedad Española de Historia de la Educación, com o apoio especial do Instituto Politécnico de Castelo Branco, que decorrerá durante estes três dias (de 10 a 13 de Setembro de 2003) nas instalações da Escola Superior de Educação de Castelo Branco e da Escola Superior de Gestão de Idanha-a-Nova. Uma saudação cordial a todos os colegas espanhóis e portugueses participantes. Agradeço a vossa vinda e presença e exprimo o meu reconhecimento a todos os que se disponibilizaram intervir neste Encontro.

Quando em 2001 em Allariz (Ourense) propusemos a nossa proposta de candidatura sabíamos dos riscos, que eventos desta natureza acarretam ao nível económico e logístico, mas com o apoio de organismos e de instituições locais e nacionais afrontamos o desafio. Tivemos o prazer de convidar para a Comissão de Honra várias entidades que abraçaram o projecto de realização deste evento com muito carinho. A todas elas o meus agradecimentos pela disponibilidade e apoios.

Pensadas e promovidas pela Secção Portuguesa de História da Educação e pela Sociedad Española de Historia de la Educación, graças ao empenho, ao entusiasmo e à dedicação de uma Comissão Organizadora e Comissão Científica este V Encontro Ibérico não teria sido possível sem o apoio e o patrocínio de várias instituições ou entidades, que passo a citar: o Instituto Politécnico de Castelo Branco e as suas Escolas Superiores, o Governo

Civil do Distrito de Castelo Branco, na pessoa da sua Governadora, a Fundação para a Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, a Fundação Calouste Gulbenkian, com um especial ênfase à pessoa do Professor doutor Marçal Grilo, as Câmaras Municipais de Castelo Branco, Fundão e Idanha-a-Nova, nas pessoas dos seus presidentes, a Embaixada de Espanha em Portugal (Consejero de Educación), o Banco Bilbao Vizcaia Argentaria, na pessoa do seu gerente da Agência de Castelo Branco, as Juntas de Freguesia de Castelo Branco e Idanha-a-Nova, a Alma Azul Editores, os Cafés Delta, a Empresa Fonté da Fraga, a NERCAB, a DREC, etc. A todos o meu mais vivo e sincero obrigado.

É uma obrigação para mim agradecer publicamente a quem desde a primeira hora abraçou a realização deste V Encontro Ibérico, o Presidente do IPCB, o meu amigo Professor Valter V. Lemos, que pôs à minha disponibilidade todos os meios e apoios. O meu mais sentido Bem-Haja. Estendo este mesmo sentimento de agradecimento aos directores da Escola Superior de Educação, Escola Superior de Gestão, Escola Superior Agrária, Escola Superior de Artes Aplicadas e Escola Superior de Tecnologia e aos presidentes das Câmaras Municipais de Castelo Branco, Fundão e Idanha-a-Nova pelo apoio prestado.

Um apreço especial aos meus colegas que integraram a Comissão Organizadora e ao seu respectivo Secretariado na preparação e organização deste encontro.

Por último, agradeço todo o apoio dado a este evento à comunicação social local e nacional e a todos os convidados aqui presentes, que aceitaram partilhar connosco este evento. A todos um sincero Bem-Haja.

## **“A Renovação Pedagógica (séculos XIX-XX) e o (re) pensar da historiografia contemporânea”**

**Ernesto Candeias Martins**

Antes do que verdadeiramente nos interessa, que é o início das conferências e o debate crítico e enriquecedor que nos suscitarão os respectivos intervenientes, cabe-me uma sumária e despreziosa intervenção histórico-educativa.

Congregam-se aqui estudiosos e historiadores, numa expressão de significativas pluralidades e convergências, representantes de diversas gerações, áreas, correntes e instituições académicas do ensino superior. Estão connosco especialistas de reconhecido mérito na comunidade científica nacional e internacional em História da Educação.

Devo sublinhar quanto me agrada e entusiasma tão importante encontro e reencontro de colegas, este sentido e este espírito de escola ou de grémio (plural e solidário), que se constrói e frutifica na partilha do presente e do futuro com todos os que assumimos, sentimos e valorizamos a história da educação. Verdadeiramente este tipo de encontros existem, progridem e valem a pena pelo relacionamento e recíproca troca de ideias, pelo intercâmbio científico, cultural e humanístico, pela continuidade e renovação de projectos, valores e sentimentos e, ainda, pelo aprofundamento autónomo de saberes e aspirações.

Particularmente considero sugestivo, polémico, contraditório, interessante e adequado o tema ‘*Renovação pedagógica*’, possibilitando e configurando diversas leituras, vertentes, abordagens e dimensões esparsas ao longo dos séculos XIX e XX, sobre as quais não me atrevo a discorrer.

Limitar-me-ei, vagamente, a registrar algumas ideias ou expressões que bem se ajustam ou ao ofício de historiador da educação, ao trabalho acadêmico e invenção, arte e ciência, aprendizagem e formação, diálogos e silêncios, concorrência e solidariedade, rotinas e criatividade, afirmação colectiva e individual, tradição e inovação. Realço estas dicotomias, pois elas remetem a implicações e enquadramentos decorrentes das novas fontes, métodos e tecnologias aplicadas à historiografia educacional.

Interrogamo-nos se a História tem referentes (intertextualidade, fronteiras entre a história e a ficção, meta narrativas, mistificações ou desmistificações), se é uma poética ou uma arte, se é uma ciência ou uma contemplação. Preocupamo-nos pelos novos paradigmas científicos, pela imaginação e memória, pelo retorno das velhas histórias, reflectimos acerca da história local e rural, da escola pública e privada, abordamos a alfabetização, procuramos novos campos historiográficos e novos discursos. No fundo inquieta-nos a função da História, o papel do historiador na actualidade, os desafios da história contemporânea, o futuro da macro e da microhistória, etc. São questões que pré-ocupam os historiadores.

Insistimos que os diálogos multidisciplinares são benéficos e inovadores, pois permitem a abertura e a flexibilidade da História e, em particular, da História da Educação, no quadro das referências e das Ciências Sociais e Humanas, ressaltando as diferentes abordagens e representações. Conviria ampliar tais relações científico-pedagógicas, envolvendo as Ciências da Comunicação e as Ciências Experimentais.

No panorama historiográfico educativo recente, várias opções, tendências ou correntes se foram impondo, com alguma contestação, mas renovando ou recuperando anteriores 'movimentos' e escolas. Tem-se optado ultimamente por áreas fragmentárias ou especializadas, privilegiando-se várias vertentes e dimensões, constituindo-se em domínios essenciais na História da Educação.

A valia das diversas facetas, concepções e propostas historiográficas, talvez justifique uma certa relevância da história cultural e da história social. Seja como for, devem permanecer primordiais a base documental,

o rigor e o sentido crítico, a erudição, a novidade e a probidade científica. Interessa sublinhar o reconhecimento da História da Educação, cuja valorização importa acentuar e diversificar, enquanto via indispensável ao progresso humano, sócio-cultural e à formação dos cidadãos. É benéfico este conhecimento histórico-educativo, ainda que eivado de relatividades e de subjectividades

É um facto que do passado carregamos memória e cultura para o futuro. Memória e cultura que representam um feixe de ligações indispensáveis entre as pessoas e as gerações, renovando comportamentos e mentalidades, originando novas atitudes perante a vida e a sociedade, facilitando a comunicação e o diálogo, a aproximação solidária entre os nossos dois países.

Parece que para alguns autores (Halbwachs, L. Lebre, H. Marrou, Pierre Nora) não são lineares as relações entre a memória (colectiva) e a historiografia. A memória sacraliza as recordações enquanto o discurso historiográfico constitui uma operação racional e crítica, que desmistifica as interpretações, objectivando-as através de narrações que ordenam causas e efeitos, de modo a convencerem a que a sua re-presentação do passado é verdadeira. Se estamos de acordo com estas posições serão distintas os respectivos pressupostos epistemológicos, isto é se a historiografia reivindica a exactidão das suas leituras, a memória histórica limita-se ao verosímil e à idoneidade e fidelidade do sujeito – narrador.

Não entrando em profundidades direi que só uma concepção científica pode aceitar a separação entre a memória e a historiografia. Se é verdade que a história vivida se distingue da história escrita, o certo é que outras características típicas da memória (selecção, finalidade, representação...), também são importantes nos estudos historiográficos.

Afinal a historiografia contemporânea opera com perspectivas não contínua de tempo e reconhece a impossibilidade de se aceitar o vazio entre o sujeito-historiador e o seu objecto, o que matiza as pretensões à objectividade e universalidade. É certo que a memória e a instância construtora e solidificadora de identidades. A sua expressão colectiva também

actua como instrumento e objecto de poder(es), quer através da selecção do que recordamos (história social da memória), quer do que, consciente ou inconscientemente, silenciámos (história social do esquecimento). Por isso, só evocamos partes do passado outras porém são esquecidas e depreciadas, de modo que só os factos adornados se elevam como *'arquipélagos isolados'* a pontuar o sentido do tempo.

Não basta afirmar que o motor do conhecimento é o problema que o historiador coloca nos traços do passado. É que aquele só nasce no seio das mentes preocupadas por uma dada formação histórica e pela presença de memórias. A par da ânsia de acedermos à verdade, o questionário historiográfico educativo revela (acto de recordação) as preocupações do presente que o formula. Assim, o olhar do historiador a esses elementos de renovação pedagógica acontecidos no passado se enreda na sedução (e pretensão) consensualizadora da memória (colectiva e histórico-educativa), se souber confrontar questões como:

O que é que recordamos dos séculos XIX e XX que tenham sido renovações pedagógicas? E porquê?

Que versões desse passado registamos e preservamos?

O que é que ficou esquecido e ainda não foi narrado?

Qualquer adopção destas atitudes de procura segue-se o corolário do questionamento, da interrogação e interpretação. É este desafio de construir a História e a História da Educação sobre a validade dos factos e dos acontecimentos que vale a pena analisar (criticamente) e interpretar (hermeneuticamente). Confesso, que me é estranho a encruzilhada do presente e da memória. Daí o problema de sabermos se o passado – suporte do presente é atingível pelo conhecimento e de que forma.

Longo vai este discurso, que discurso não é. Trata-se de um simples alinhavar de palavras desalinhadas. Palavras em grande parte atrevidas e desnecessárias. Mas já que me atrevi e que os macei, permitam-me um minuto mais. Simplesmente, e tanto é para mim, como Presidente da Comissão Organizadora e Científica, para renovar as boas vindas a estas

paragens beirãs a todos os participantes e as minhas saudações e felicitações a todos que tornaram possível este V Encontro Ibérico.

Congratulo-me abrir as portas deste encontro, todos nos congratulamos oferecer o que temos e o que não temos. Formulo os melhores votos de grande sucesso científico. Um êxito, aliás garantido, face ao empenho das entidades organizadoras, à qualidade dos conferencistas, comentadores, moderadores e à motivação de todos os participantes, que seguramente contribuirão para um debate vivo, aprofundado e pluralista, no salutar confronto de ideias, experiências, projectos e perspectivas. Pedimos alguma compreensão para alguma falha ou deficiência manifestada na organização e ao longo destes dias.

E, por fim, evocar saudosamente a memória dos colegas e mestres que, definitivamente de nós afastados por vários motivos, em nós e connosco continuam. Pensemos e repensemos a história da educação, escrevemos e reescrevemos a memória e os factos históricos sobre a educação dos nossos dois países, pois tudo é pensamento e sentimento, por vezes emotivo nas suas narrações e abordagens discursivas, mas intimamente prende-nos e liberta-nos. Esta região beirã também é assim, nas suas paisagens e gentes, ou então sou eu que não aprendo a corrigir-me.

Pensar a História e em especial a História da Educação é pensar e sentir a vida.

Desejo sinceramente que este Encontro de História da Educação constitua um ponto de chegada e um ponto de partida para novos encontros e amizades. Os meus votos, em nome da Comissão Organizadora e em meu nome pessoal de uma boa estadia, de umas frutíferas sessões histórico-educativas, de um bom desfrute paisagístico, cultural e gastronómico de estas belas paragens do interior da Beira Baixa.

